

A IMPORTÂNCIA DO DESENHO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL E SUAS SIGNIFICAÇÕES PARA ALÉM DOS ESTEREÓTIPOS¹

Juliana Anhaia de Oliveira²
Elisabeth Maria Foschiera³

RESUMO

O presente artigo possibilita que se compreenda a importância do desenho no desenvolvimento das crianças da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tendo em vista uma análise teórica acerca dos estágios do desenho segundo os estudos de Lowenfeld e Brittain. O objetivo do trabalho é analisar os pontos negativos referentes ao uso dos desenhos estereotipados, além de expor que quando o educador opta pelo desenho impresso ele estará propondo uma atividade que reduz a criatividade das crianças. O desenho deve servir de instrumento para conhecer a criança, uma vez que ela revela inconscientemente sentimentos e emoções, podendo indicar os caminhos para que se compreenda possíveis violências, traumas, abuso sexual e problemas pelos quais a criança está passando. Portanto, é necessário que o professor tenha conhecimento sobre as fases do desenho para não cometer equívocos e, caso necessite, ao perceber que os desenhos apontam para possíveis violências, deve encaminhar a criança (ou o caso) para a rede de atendimento.

Palavras-chave: Desenho Infantil. Fases do desenho. Interpretação. Estereótipo.

Introdução

A Educação Infantil constitui a primeira etapa da educação básica, sendo fundamental para o desenvolvimento da criança. Neste período, inicia-se o processo de apropriação do conhecimento obtido a partir das experiências e vivências que ela tem com o mundo. O adulto é um dos principais mediadores deste conhecimento, poderá fornecer meios que contribuirão efetivamente para o desenvolvimento da criança, seja cognitivo, emocional ou social. Neste sentido, o trabalho se inicia pela pesquisa sobre o assunto através do levantamento bibliográfico e escolha das referências que serão investigadas e analisadas no desenvolvimento deste trabalho. O tema abordado será a importância do desenho no desenvolvimento infantil e suas significações para além dos estereótipos. Buscar-se-á discuti-lo em uma perspectiva teórica, baseando-se em estudiosos que deram suporte para o desenvolvimento do trabalho.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) a criança é um sujeito histórico cultural e possui conhecimento acerca do mundo a sua volta. Para mais, sabe-se que o meio social faz toda diferença na vida da criança, esta pode ser marcada profundamente devido ao que é oferecido a ela, principalmente na infância. Sendo assim, é necessário oportunizar e oferecer situações que possibilitem a criança avançar

¹ Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Universidade de Passo Fundo (UPF).

² Acadêmica do curso de Pedagogia da UPF.

³ Professora Mestre em Educação da UPF e orientadora deste trabalho.

progressivamente. É, ainda, necessário proporcionar um espaço que promova diversas manifestações, e a respectiva apropriação, de diferentes linguagens. A infância precisa ser um momento experimentado, vivenciado e que seja cheio de oportunidades que favoreçam o desenvolvimento efetivo da criança.

Portanto, o desenho na Educação Infantil e nos Anos Iniciais desempenha um papel extremamente importante na vida das crianças, pois é por meio dele que ela se comunica mesmo antes de escrever e transmite pensamentos e emoções. É uma forma de representar o inconsciente a partir do que está sentindo. E vai muito além de desenhar, é organizar, esquematizar e pôr em prática uma ação talvez nunca pronunciada pela criança e, muitas vezes, sentida, vivida e experimentada. Desta forma, o desenho pode ser um instrumento que leva o adulto a compreender melhor a criança. Por isso, o professor precisa estar atento às manifestações gráficas dos alunos, observando toda e qualquer forma de expressão. Neste sentido, percebe-se o quanto o desenho criado pela criança promove inúmeras aprendizagens, uma vez que elas criam um conjunto de habilidades para dar forma ao que vivenciaram em algum momento de sua vida, e elas deixam no papel traços, cores, riscos e rabiscos que são aprimorados no decorrer de seu desenvolvimento.

O desenho antecede e organiza pensamentos e palavras, é um meio de indicar os caminhos percorridos pela criança até chegar ao processo de construção da escrita. Ele pode ser visto como uma forma de demonstrar suas aprendizagens em diferentes fases do seu desenvolvimento. Diante desta perspectiva, Fassini afirma que “o desenho antecede, organiza e estrutura o pensamento narrativo. Serve como ponte (zona proximal) entre o desenvolvimento real e o potencial, ou seja, serve como auxiliar de significação do texto verbal e escrito num primeiro momento de aprendizagem da língua escrita” (2007, p. 3). Assim sendo, é possível compreender a importância das expressões gráficas realizadas pelas crianças e o quanto elas podem revelar sobre a vida e os conhecimentos obtidos por ela. Logo, oferecer desenhos estereotipados é, de certa forma, acabar com o lado criativo, eliminando aos poucos a beleza do imaginário que se dá a partir da construção do desenho. No papel a criança expõe suas vivências, seus pensamentos e suas experiências. Na folha, ela procura representar o seu cotidiano através do desenho. Ela sempre vai tentar representar o que já vivenciou.

O presente artigo está dividido da seguinte forma: inicialmente conceituar-se-á o desenho em uma abordagem teórica, buscando compreender e esclarecer o que se entende por ele; em seguida serão abordados conceitos teóricos de estudiosos que aprofundaram estudos em relação aos estágios do desenho, segundo Lowenfeld e Brittain, e pontos negativos

referentes ao uso de estereotipados; por fim, apresentar-se-á uma reflexão em relação a análise que deve ser feita ante os desenhos expressos pelas crianças.

A pesquisa, portanto, foi feita através de estudos de materiais bibliográficos, incluindo livros, artigos, documentários, teses, entre outros materiais estudados ao longo do curso, e empregados de forma exploratória com a finalidade de investigar sobre o referido tema.

1. Conceitos de desenho e sua importância na Educação Infantil e anos iniciais

O desenho, desde os tempos mais remotos, foi uma das primeiras formas de comunicação. Deste modo, o homem iniciou suas representações gráficas na medida em que sentiu a necessidade de se expressar. Assim, inicialmente a escrita tinha por finalidade a comunicação em razão das atividades comerciais a longa distância e do desenvolvimento da agricultura mista. Portanto, tendo em vista a exigência da comunicação, para que de fato pudessem ocorrer as negociações entre os sujeitos, com o passar dos anos e com a evolução dos meios, os avanços da escrita ocorreram continuamente. Em outros termos, Derdyk cita que:

O homem sempre desenhou. Sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente, desde que o homem inventou o homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples, teimosamente acompanha nossa aventura na Terra. (DERDYK, 1990, p. 10)

Desta forma, compreende-se que as marcas nas paredes das cavernas legitimam a existência e a evolução do homem ao longo dos séculos. São elas que, representadas por meio de símbolos, pinturas e registros, comprovam a história da espécie. Para mais, ressalta-se que se atualmente indicam a herança histórico-cultural, no passado evidenciavam-se como forma de expressão e de comunicação. O desenho não foi extinto em momento algum, visto que é uma forma de interação entre pessoas de diferentes culturas por se tratar de uma linguagem universal. Portanto, ele apenas evoluiu com o passar do tempo, isto é, aprimorou-se como aspecto cultural, social e histórico.

Existem várias definições referentes ao conceito de desenho. Ele remete à ideia de traços, riscos, rabiscos, contornos, esboços, imagens visuais e coloridas, portanto, um desenho é muito mais do que simples imagens. Para Derdyk (1994), compreender o desenho exige voltar ao passado e reviver de forma intensa as diversas manifestações ocorridas que

marcaram o começo da humanidade, por isso o conceito de desenho é amplo e cheio de significações:

Geralmente entendemos o desenho como “coisa de lápis e papel”, como esboço ou croqui subordinado a uma explicação de ideia, à representação de algum objeto. Para ampliar nossa concepção de desenho é necessário reavivar a memória individual e coletiva, a fim de fazer uma revisão dos caminhos do desenho na história do homem. Com isso estaremos revitalizando conceitos, inventando as várias formas de atividades em que o desenho se manifesta. Através de uma compreensão global de sua história, perceberemos uma carga de significação mais ampla do que um simples manejo de lápis sobre um papel em branco. (1994, p. 26)

Ainda segundo Derdyk (1994), o desenho pode ser usado como linguagem artística, científica e técnica. Ele é um instrumento de conhecimento para a humanidade, pois possui várias significações e evidencia sinais e processos pelos quais o homem passou. Logo, as marcas gráficas retratadas no papel ganham suporte em outras esferas. Deste modo, percebe-se o quanto a definição de desenho perpassa os limites de um papel. Neste sentido, a autora afirma que:

O desenho como linguagem para a arte, para a ciência e para a técnica, é um instrumento de conhecimento, possuindo grande capacidade de abrangência como meio de manifestação e de expressão. As manifestações gráficas não se restringem somente ao uso do lápis e papel. O desenho como índice humano, pode manifestar-se só através das marcas gráficas depositadas no papel (ponto, linha, textura, mancha), mas também através de sinais como um risco no muro, uma impressão da mão numa superfície mineral, a famosa pegada do homem na lua etc. (1994 p. 20)

Isto posto, percebe-se a existência do desenho como elemento primordial, visto que é uma das formas mais antigas de expressão gráfica e, apesar das grandes inovações e dos avanços ocorridos, em momento algum deixou de existir. Isto é, a materialidade do desenho nunca perdeu a forma e o sentido proposto, bem como foi ele quem marcou a criação da linguagem registrada do homem. Partindo deste pressuposto, Derdyk afirma “apesar de sua natureza transitória, o desenho, uma língua tão antiga e tão permanente, atravessa a história, atravessa todas as fronteiras geográficas e temporais, escapando da polêmica entre o que é novo e o que é velho. Fonte original de criação e invenção da inteligência humana” (1994, p. 46).

É importante salientar que por onde quer que se esteja o desenho acompanhá-lo-á, visto que este assume um papel primordial, faz parte da história e da cultura, seu significado ultrapassa o lápis e o papel e é considerada uma das formas mais inteligentes que o homem inventou para se comunicar. Além disso, se faz presente por séculos e pode ser observado nas

paredes das cavernas, nos maquinários, nas arquiteturas e nas ilustrações, servindo de base para a comunicação, expressão e conhecimento. Segundo Derdyk, o desenho desempenha várias funções, é rico em significado e previu uma série de acontecimentos e fatos que serviram de base para que o homem pudesse se desenvolver. Portanto, a autora destaca que:

Seja no significado mágico que o desenho assumiu para o homem das cavernas, seja no desenvolvimento do desenho para a construção de maquinários no início da era industrial, seja na sua aplicação mais elaborada para o desenho industrial e a arquitetura, seja função de comunicação que o desenho exerce na ilustração, na história em quadrinhos, o desenho reclama a sua autonomia e sua capacidade de abrangência como um meio de comunicação, expressão e conhecimento. (DERDYK, 1994, p. 29)

O desenho é importantíssimo na Educação Infantil e em outras etapas do Ensino Fundamental, é por meio dele que a criança registra no papel ou em outros lugares o que tem dificuldade de expor pela linguagem oral ou escrita. A arte para a criança é mais que desenhar, entretenimento ou distração, é algo encantador diante de seus olhos. Por isso, deve ser entendida como um momento único em que a criança possa ter a possibilidade de criar, inventar, vivenciar, manusear, explorar entre outras possibilidades. Ela deve proporcionar à criança autonomia. De mais a mais, a arte na Educação infantil deve ser vista como um leque de possibilidades que desempenha a função de desenvolver na criança crescimento cognitivo, perceptual e emocional, sendo importante em todos os aspectos. Para Derdyk (1994), o desenho pode ser considerado manifestação da inteligência que a criança vivencia, cria hipóteses e teorias acerca do que conhece, principalmente quando são oferecidas oportunidades para que ela possa desfrutar de um ambiente rico e cheio de possibilidades. Deste modo, a autora ressalta:

O desenho também é uma manifestação da inteligência. A criança vive a inventar explicações, hipóteses e teorias para compreender a realidade. O mundo para a criança é continuamente reinventado. Ela reconstrói suas hipóteses e desenvolve a sua capacidade intelectual e projetiva, principalmente quando existem possibilidades e condições físicas, emocionais e intelectuais para elaborar estas “teorias” sob forma de atividades expressivas. (DERDYK, 1994, p. 54)

Já segundo Pillar, “o sujeito aprende pela experiência, ou seja, pela sua exposição a certas situações, e a função da inteligência é registrar elementos dispersos que vão se associando para formar conhecimento. Há, então, um predomínio do meio sobre o sujeito, sobre a inteligência” (2012, p.44). Para a autora as experiências vividas pela criança são extremamente importantes na hora de adquirir conhecimento, são esses momentos marcantes

e significativos, nos quais a criança tem contato e presença que fazem com que ela se desenvolva cognitivamente. O desenhar permite à criança gesticular no papel uma porção de habilidades e promove uma série de estímulos que produzem mecanismos que ajudam a desenvolver capacidades sensoriais, motoras, perceptivas, estímulos visuais, entre outros.

Para se compreender a importância do desenho, Derdyk menciona que ao desenhar a criança desenvolve conceitos que são fundamentais para sua vida e para seu desenvolvimento, “conceitos como proximidade, separação, vizinhança, continuidade estão contidos numa série de qualidades que se organizam numa relação de pares de oposição, tais como: semelhante/diferente, parte/todo, dentro/fora, pequeno/grande. E o espaço gráfico infantil vai configurando e sendo construído de acordo com uma percepção topológica do mundo” (1994, p. 79). Deste modo, ressalta-se que o desenho é imprescindível para o desenvolvimento infantil, pois através dele a criança expressa sentimentos e expõe o que está pensando ou sentindo, aprende conceitos relacionados ao cotidiano que são essenciais para sua vida e que proporcionam avançar progressivamente em seus conhecimentos.

2. Fases do desenho segundo Lowenfeld e Brittain

Segundo Lowenfeld e Brittain (1977), o desenho infantil passa por diferentes estágios evolutivos na medida em que a criança se desenvolve, desde a infância até a adolescência. Estes são classificados em quatro estágios: Estágio da Garatuja, Estágio Pré-Esquemático, Estágio-Esquemático e Estágio do Realismo. Salienta-se que cada criança é um ser único e possui peculiaridades específicas. Logo, os desenhos ao serem elaborados pelas crianças não são iguais em cada estágio. Isto tudo dependerá exclusivamente de cada indivíduo.

O primeiro estágio refere-se às garatuja que duram aproximadamente dos dois aos quatro anos de idade. Nele a criança faz rabiscos desordenados, sem mencionar sequer uma ordem do que está sendo posto no papel. Aos poucos os traços começam a ficar organizados e ganham controle. A partir dos quatro anos de idade surge a primeira imagem visual reconhecível. As garatuja também passam por fases: começam com os riscos ao acaso até desencadearem as formas controladas. Neste estágio desenhar é uma tarefa na qual a criança sente satisfação em realizá-la, pois os traços representam algo que desejou ou imaginou. Mas, eles nem sempre podem ser reconhecidos pelo adulto: “A criança começa a desenhar, fazendo rabiscos desordenados, numa folha de papel. Esta fase é geralmente mencionada como o Estágio das Garatuja. Esses traços feitos ao acaso vão-se tornando cada vez mais organizados, mais controlados; porém, só depois dos quatro anos, a criança consegue

transmitir, em seus desenhos, quaisquer objetos reconhecíveis” (LOWENFELD; BRITAIN, 1977, p. 54).

Para Moreira, “a criança pequena desenha pelo prazer do gesto, pelo prazer de produzir uma marca. É um jogo de exercício que a criança repete muitas vezes para certificar-se do seu domínio sobre aquele movimento” (1997, p. 28). Portanto, a criança desempenha a ação de deixar marcas fazendo movimentos com o lápis ou outro suporte, rabiscos de cima para baixo, de baixo para cima, em todas as direções devido ao prazer que o gesto e o movimento proporcionam, sem se preocupar em dar formas, cores, sentido àquela figura que está sendo posta no papel. Estes grafismos iniciais são compreendidos como garatuja e dão início às primeiras representações gráficas da criança. Diante disso, Derdyk ressalta que “se o arte-educador da pré-escola não possuir uma vivência prática e efetiva das linguagens expressivas, facilmente incorrerá de erros grosseiros na avaliação daquelas garatuja e rabiscos aparentes inúteis” (1994, p. 15). Sendo assim, o professor precisa saber as fases do desenho infantil para não cometer equívocos no momento de avaliar as crianças, para não interferir nem prejudicar em seu desenvolvimento. Por isso, é importante considerar os estágios de acordo com cada sujeito e ter embasamento teórico que servirão de base mediante a prática pedagógica.

Por sua vez, o Estágio Pré-Esquemático inicia-se por volta dos quatro e estende-se até os sete anos de idade. Aqui a criança faz suas primeiras tentativas de representação e o objeto desenhado já pode ser reconhecido pelo adulto que o acompanha. Ela consegue expressar através do desenho o que deseja transmitir, e este ganha forma e pode ser compreendido. Sendo assim, a criança simboliza o que observa: plantas, casas, pessoas, entre outros objetos. Desta forma, afirma-se que à medida que os desenhos avançam, as crianças os enriquecem com detalhes. Lowenfeld e Brittain declaram:

Esta fase inicia-se, habitualmente, por volta dos quatro anos de idade e dura até os sete. Aqui, a criança faz a representação típica de um homem apenas com cabeça e pés, e começa desenhando uma quantidade de outros objetos do seu meio, com as quais teve contato. Essas figuras ou esses objetos aparecem colocados de um modo um tanto desordenado no papel e podem variar, consideravelmente, de tamanho. (1977, p. 54)

Já no Estágio Esquemático, que engloba, aproximadamente, dos sete aos nove anos de idade, os desenhos já se encontram presentes com conceitos bem definidos de formas, ganham detalhes riquíssimos. A criança retrata partes do seu meio e faz relação com o mundo a sua volta para representá-lo, e deixa de lado os traços e as garatuja, passando a ser controlados

fazendo relação com os objetos visualizados. A primeira tentativa de representação é a imagem humana desenhando de formas diferentes. Esta fase é importante para a criança, pois há um avanço muito grande em relação a fase anterior. Segundo os autores:

É nesse período que aparece uma interessante característica dos desenhos infantis: a criança dispõe os objetos que está retratando numa linha reta, em que toda a largura da margem inferior da folha de papel. Assim, por exemplo a casa é seguida de uma árvore, à qual se segue uma flor que fica ao lado da pessoa que poderá ficar antes de um cão, que é a figura final do desenho. (LOWENFELD, BRITAIN, 1977, p. 55)

O Estágio do Realismo Nascente acontece dos nove aos doze anos de idade. Nesta fase a criança simboliza mais do que representa os objetos, os desenhos são mais detalhados e ela não se preocupa em colocar em fila ordenada, mas em toda largura do fundo do papel. Além disso, deixa de fazer desenhos grandes e livres e começa a fazer desenhos menores a fim de escondê-los dos olhos do adulto, pois já não tem a preocupação em mostrar e explicar seus trabalhos como tinha na fase anterior.

Embora os autores Lowenfeld e Brittain tenham apresentado os estágios com base na idade cronológica das crianças, mostraram dificuldades em delimitar o início e o término de cada estágio. De mais a mais, explicitam que a criança se desenvolve de maneira contínua e repleta de transformações que varia de criança para criança. Sendo assim, as que possuem necessidades especiais apresentam características próprias de acordo com as suas próprias especificidades e potencialidades.

3. Compreensão dos desenhos infantis e os pontos negativos referentes ao uso dos desenhos estereotipados

Estudos referentes à psicanálise no tratamento de crianças foram desenvolvidos por vários estudiosos, como Melanie Klein, Hug-Hellmuth, Anna Freud, Sophie Morgenstern. Esses apontam para o uso de técnicas e métodos que deram base para o entendimento e o tratamento dos problemas emocionais diante de algumas situações ocorridas com crianças. Usa-se de meios para entender o que a criança está sentindo, quais são suas angústias, medos, dores, traumas, neurose, entre outros problemas enfrentados por ela e que não consegue transmiti-los pela linguagem oral, mas que de fato esses sentimentos a assombram. Sendo assim, o desenho, o jogo simbólico e os sonhos foram usados para identificar estes problemas. Os psicanalistas desenvolveram teorias para compreender a criança e seu estado emocional,

então criaram a técnica da psicanálise para crianças por meio da aproximação ao inconsciente infantil, isto permitiu tanto o tratamento como o diagnóstico das neuroses infantis.

Desde as primeiras garatujas até os desenhos mais detalhados as crianças produzem e comunicam coisas importantíssimas referentes à personalidade; indicam se é insegura ou não, tímida, deprimida; referem-se à sua sexualidade e ao seu lado emocional e intelectual; manifestam o seu comportamento de acordo com características apresentadas nos desenhos. Por isso, a qualidade das linhas, do espaço, da integração, do sombreamento, da simetria, do equilíbrio e do estilo ajuda a interpretar os desenhos infantis. Nesta perspectiva, o autor Di Leo ressalta:

Uma figura desenhada com linhas leves, indecisas e quebradas fala por uma criança insegura e deprimida. Ao contrário, uma figura vigorosa, contínua e livremente desenhada, é expressão de autoconfiança e sentimentos de insegurança. A primeira é hesitante, parece pensar à medida que continua o trabalho. A segunda parece executar o que já foi claramente visualizado, pois a mão obedece ao intelecto. (1985, p. 22)

Freud foi um dos pioneiros da psicanálise, realizando diversos estudos referentes à psicanálise com crianças e obteve grande sucesso ao aplicar o método analítico aos transtornos e enfermidades das mesmas. Contudo, este estudo centra-se em alguns conceitos utilizados na interpretação de desenhos. Segundo Aberastury “o estudo do desenho como meio de expressão da criança tem sido um tema amplamente desenvolvido pela psicologia não analítica, mas recebeu uma complementação definida e fundamental quando foi estudado seu significado no ponto visto psicanalítico” (1992, p. 35). Portanto, o desenho nada mais é do que uma porta aberta de significações que devem ser analisados e compreendidas de acordo com cada criança. É, também, uma forma de analisar o inconsciente: trata-se de interpretar pensamentos não pronunciados, desejos reprimidos, medos, dor, violências, frustrações. Estes, quando não tratados, geram traumas e neuroses que ocasionam doenças que afetam tanto o corpo quanto a alma.

Vale ressaltar que estudos referentes aos desenhos infantis devem seguir uma linha de análise para não serem interpretados de maneira errônea. É necessário que o professor conheça as fases do desenho infantil e interprete-os de acordo com o contexto em que a criança está inserida para não cometer possíveis equívocos. Salienta-se que tomar conhecimento do contexto e do que está ocorrendo nele é fundamental para o educador. Portanto, é necessário que os profissionais da área da educação estejam atentos às manifestações gráficas das crianças. O olhar do pedagogo frente a estas expressões pode

servir de auxílio quando o assunto é violência, abuso sexual, traumas e problemas pelos quais a criança está passando. O desenho pode fornecer estas informações, pois é um instrumento para melhor entendê-las, e as características dos desenhos podem dar indícios de determinadas violências ocorridas com a vítima. No entanto, o pedagogo não ultrapassará sua área profissional, pois se sabe que esta análise deve ser feita por profissionais do campo da psicologia e por uma rede de atendimento. Contudo, o educador poderá buscar ajuda com estes profissionais quando perceber algo estranho, isto é, quando encontrar elementos que não condizem com a personalidade da criança.

Além disso, a autora Aberastury afirma que interpretações dos desenhos, por meio da técnica analítica para o tratamento de crianças, devem ser feitas por pessoas especializadas que tenham conhecimento e estudos acerca destas técnicas. Ela expõe que a

[...] interpretação de desenhos no transcurso do tratamento analítico de crianças, seu significado inconsciente e os símbolos empregados nos desenhos, assim como foi assinalado por Sophie Morgenstern, foram recursos utilizados por todos os que se dedicaram a este campo da investigação analítica, confirmando e ampliando suas ideias. Nos casos como o que ela analisou ou em outros onde existe uma inibição muito intensa, os desenhos podem ser de uma utilidade muito grande durante o tratamento. É frequente, porém, que, empregando a técnica do jogo, a criança desenhe pouco, exceção feita à crianças durante o período entre seis e doze anos. (ABERASTURY, 1992, p. 35)

Dessa forma, a técnica analítica dá alternativas de investigação que direcionam ao que a criança sente, representa, simboliza e transfere (sentimentos e emoções) por meio das expressões gráficas, podendo chegar a respostas e conclusões mediante o tratamento.

Sabe-se que as expressões emocionais das crianças são manifestadas através do consciente e inconsciente. O desenho está ligado diretamente ao inconsciente, pois as crianças representam seus desejos e suas emoções, criam formas de representar através de símbolos suas vivências e, tanto no ambiente familiar como institucional, o desenho entra como forma de expressão livre. Para mais, evidencia percursos que podem identificar o processo de desenvolvimento da criança. Os autores Lowenfeld e Brittain ressaltam a importância de utilizar os desenhos infantis como forma de compreender o seu estado emocional, valorizando sua individualidade. Entende-se que na visão do adulto, o desenho representado pela criança pode ser considerado feio do ponto de vista estético, mas ele tem um valor muito significativo para a criança, pois através do desenho ela pode estar representando um fato que ocorreu e que de alguma maneira aquilo está lhe perturbando. Portanto, ela acaba se manifestando ao desenhar. Deste modo um

[...] importante fator dever ser tido em conta é o trabalho criador individualmente compreendido. Só podemos apreciar o significado do produto artístico, se compreendermos a criança e considerarmos seu desenho como parte integrante de sua vida. Talvez possa acontecer que uma criança descreva um evento que se reveste, para ela, de grande significado emocional, como, por exemplo um incêndio que destruiu sua casa ou um acidente em que se visse envolvida. Para o adulto, podem ser pinturas ordinárias ou até feias, do ponto de vista estético. Entretanto, a obra produzida pode ser uma importante resolução, dentro da vida da própria criança, e dirigir a atenção para a pintura, manifestando interesse exclusivo apenas pelas suas aptidões técnica, seria uma grande injustiça. (LOWENFELD, BRITAIN, 1977, p. 99)

Segundo Derdyk, “o desenho manifesta o desejo de representação, também, é medo, é opressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar, a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial” (1994, p. 51). Diante destas perspectivas, é possível compreender que o desenho transmite muitos significados e não deve ser visto apenas como rabiscos sem sentido. Eles apontam para uma série de fatores que a criança deseja mostrar, evidencia processos e avanços pelo qual ela passou e está passando. Logo, os seus grafismos devem ser considerados uma forma de desenvolvimento contínuo. O professor precisa conhecer e interpretar os desenhos seguindo uma linha teórica, para não cometer equívocos.

Sendo assim, o educador desempenha um papel fundamental ao proporcionar ao aluno atividades que façam com que ele crie seu próprio desenho, utilizando diferentes suportes para criar, elaborar e produzir. As crianças têm poucas oportunidades de desenharem e, talvez, algumas nunca tiveram oportunidade pelo fato de receberem desenhos prontos para colorir, recortar e fazer colagens ano após ano. Destaca-se que as aulas de artes têm sido trabalhadas com as crianças de Educação Infantil e Anos Iniciais de um modo muito limitado, visto que são proporcionados estereótipos o ano inteiro, especialmente nas valorizadas datas comemorativas. Justamente nestas épocas, as crianças recebem inúmeros desenhos para colorir, e estes acabam reduzindo a sua criatividade e singularidade.

Segundo Mèredieu, os desenhos prontos, ditos como estereótipos, “matam” a criatividade da criança e acabam reduzindo de maneira absurda seu potencial criativo. Simplesmente eles não ajudam em nada, apenas acarretam uma série de problemas:

Quem esteve em contato com crianças ou então manipulou uma grande quantidade de desenhos, sabe bem que nem todos demonstram uma expressão espontânea. A utilização de estereótipos, a imitação e a cópia são frequentes, e uma das principais dificuldades com as quais se defrontam os “métodos de expressão livre” está precisamente na amplitude e na profundidade do condicionamento ao qual a criança está submetida. (1974, p. 102)

Portanto, o desenho não deve ser limitador ou constrangedor, ele precisa estar cheio de possibilidades para que a criança possa criar, imaginar, inventar, construir e proporcionar inúmeras formas de expressão e avanços para seu desenvolvimento emocional e intelectual. Ademais, deve ser uma ponte que liga o real ao imaginário, um caminho que indica ações percorridas pela criança até chegar ao processo de escrita. Conforme Martins e Silveira (2011, p. 175), “a Educação não deve ser compreendida como meio de repetição e trabalho com desenhos prontos, cópias feitas em série que não possibilitam a criação da criança”. Diante disso, a educação em geral não deve ser vista como mera cópia e repetição que impede o sujeito de criar, mas como forma de imaginação, expressão, criação e, principalmente, como possibilidade de construção de conhecimentos. Os educadores devem considerar toda e qualquer criação realizada pela criança, pois estas servem de base para seu desenvolvimento.

Já segundo Vianna, “não podemos aceitá-los porque como educadores, acreditamos no poder de criatividade das pessoas, na individualidade de cada ser humano, acreditamos na necessidade vital que a criança tem de se expressar; por que somos contra a acomodação e desejamos a transformação” (1995). É importante compreender que os professores não necessitam usar os estereótipos, pois se acredita na capacidade de criação de cada pessoa e na sua individualidade. Então, assim como a criança é um ser único provido de especificidades desde o momento que nasce, os desenhos produzidos por elas possuem traços únicos e exclusivos o que as tornam diferentes umas das outras. Como aponta Lowenfeld, “a experimentação e a pesquisa têm provado que mais da metade das crianças, expostas aos cadernos de colorir, perdeu sua criatividade e sua autonomia de expressão. Tornaram-se rígidas e dependentes a modelos” (1977, p. 24). Desta maneira, compreende-se o quanto os modelos estereotipados diminuem a criatividade de expressão das crianças, tornando-as dependentes e sujeitas a ficarem passivas, estes modelos engessam a imaginação e o pensamento das crianças, não favorecem o seu desenvolvimento, apenas as privam e incentivam a pensar que não são capazes, fazem com que percam as suas essências, tornando-as inseguras.

Também, para Lowenfeld, “nenhuma diferença individual é permitida. Em tal atmosfera o indivíduo perde confiança em sua expressão pessoal, condicionada à determinado modelo que deve seguir. Quando este é retirado, a criança sente-se perdida e sem confiança para usar, independentemente, sua imaginação” (1977, p. 29). Sendo assim, é possível afirmar que nenhum modelo estereotipado permite que a criança se desenvolva, possibilitando apenas que ela fique presa a um modelo padrão, em que a sociedade está acostumada seguir, como por exemplo: homens vestem cor azul e meninas a cor rosa, mulheres para serem bonitas

precisam ser magras, assim como homem para ser homem não deve chorar, de fato as crianças não necessitam de modelos deste tipo que não as favoreça em nada. Diante destas reflexões, fica evidente que as cópias carregam consigo um lado negativo, pois induzem as crianças a se sentirem oprimidas e incapazes. Os desenhos impressos não possibilitam e nem criam formas da criança se expressar, visto que “o ato de copiar, diferentemente, carrega um significado opressor, censor, controlador. Poderíamos dizer que a necessidade de copiar igualzinho revela um distanciar-se de si mesmo. Cópia não inclui e não autoriza a criança a ser autora da ação. O ato de copiar é vazio de conteúdo, mera reprodução impessoal” (DERDYK, 1994, p. 110).

Partindo destas concepções, é preciso problematizar sobre o uso de modelos estereotipados em sala de aula, haja vista o quanto eles prejudicam a criança, condicionando-a a ficar dependente destes modelos para o resto da vida. Alguns professores julgam necessários os modelos impressos, defendem o uso e argumentam que o emprego de tais materiais ajuda na noção de espaço, limite da linha, direção e possibilita o desenvolvimento motor da criança. Todavia, nada comprova que os estereótipos desenvolvem estas noções. Diante destas considerações, expõe-se que a criança desenvolverá estes conceitos de acordo com o processo de desenvolvimento pelo qual passou, ou seja, deve-se respeitar o tempo da criança e nunca condicioná-la à passividade.

Inclusive, pensar maneiras e formas que possibilitem à criança desenhar em diferentes espaços e posições poderá fazer com que ela desenvolva domínio corporal. Para Derdyk (1994, p. 64), “seria interessante repensar no espaço físico proporcionando à criança para desenhar, a fim de promover várias situações espaciais e corporais: desenhar em pé, sentado, deitado, geram consequências e posturas distintas da relação da criança com a mão, com o olho, com os sentidos, com o instrumento, com o suporte, com o espaço”. Consequentemente, proporcionar à criança desenhar em pé, deitado, sentado, de olhos fechados, de acordo com a autora, permite uma amplitude maior em relação ao corpo “o desenhar em pé possibilita uma amplitude gestual, uma amplitude do olhar diferente da proporcionada pelo desenho no chão. O desenhar deitado possibilita gestos intimistas e confidenciais. O desenhar sentado estabelece uma relação entre a criança e o peso do seu próprio corpo, apoiado no pulso e no cotovelo” (DERDYK, 1994, p. 64). Em suma, os professores precisam abandonar os modelos estereotipados, pois estes não ajudam em nada, e optar por novas metodologias.

Considerações finais

Estas breves considerações teóricas propiciaram a reflexão a partir da análise de algumas especificidades que envolvem o desenho no desenvolvimento da criança. O desenho permite que a criança se expresse, coloque para fora os sentimentos e os pensamentos perturbadores e indesejáveis. Além disso, permite elaborar uma série de aspectos que ajudam entender o seu desenvolvimento emocional, cognitivo e social. Neste sentido, o professor precisa compreender os estágios do desenho infantil para não cometer equívocos quando se refere ao processo de desenvolvimento, isto permitirá uma análise compreensiva acerca do que as crianças estão desenhando em cada fase. É preciso não fazer julgamentos para não cometer erros, devendo-se buscar ajuda de outros especialistas, caso necessite, para poder compreender melhor a criança e as suas manifestações.

Levando em consideração vários aspectos que afirmam a importância do desenho no desenvolvimento das crianças, é necessário frisar que quando o professor faz uso de modelos estereotipados em sala de aula ele está suprimindo a criatividade da criança, tirando o desejo de imaginar, de produzir e limitando a capacidade dela ser um sujeito ativo. O ensino baseado em cópias não gera no aluno autenticidade, criação e identidade, apenas o torna passivo diante de suas produções.

Diante disso, pode-se ressaltar que o educador tem o poder de elaborar metodologias e propostas significativas em sala de aula que de fato tenham sentido na vida dos alunos, permitindo a trajetória individual de cada um. O desenho é um conjunto de possibilidades para a criança criar, inventar, imaginar, produzir, reconstruir, se desenvolver. E cabe ao professor oferecer condições para que o aluno expresse sentimentos e emoções através do desenho, desenvolvendo-se progressivamente.

Referências

ABERASTURY, Arminda. **Psicanálise da criança: teorias e técnicas**. Porto Alegre: Artmed, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Construção da escrita**. Módulo 1, Programa 3. Sistema Educacional Brasileiro. Programa de Formação de Professores Alfabetizadores, 2001. YouTube. 25 mar. 2010. 9min19s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oXoGEHyGQzY>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1994.

DERDYK, Edith. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.

DI LEO, Joseph H. **A interpretação do desenho infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FASSINA, Marice Kincheski. **Desenhção**: um estudo sobre o desenho infantil como fonte de múltiplas possibilidades no Ensino Fundamental. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Centro de Artes, Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://ppgav.ceart.udesc.br/ciclo3/anais/Marice%20Fassina.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2019.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY Ana. **A Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

IABELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2013.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MARTINS, Josenei; SILVEIRA, Tatiana dos Santos da. **Didática e Metodologia do Ensino de Artes**. Indaial: UNIASSELVI, 2011.

MÈREDIEU, Florence de. **O desenho Infantil**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho**: a educação do educador. São Paulo: Loyola, 1997.

PILLAR. Analice Dutra. **Desenho e escrita como sistema de representação**. 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Penso, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

VIANNA, Maria Letícia Rauen. Desenhos estereotipados: um mal necessário ou é necessário acabar com este mal? **Revista Advir**. Associação dos Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, n. 5, abr. 1995. Disponível em: <https://www.academia.edu/36972093/Desenhos_estereotipados_um_mal_necess%C3%A1rio_ou_%C3%A9_necess%C3%A1rio_acabar_com_este_mal>. Acesso em: 20 mar. 2019.